TRABALHO AVULSO - INSTITUIÇÕES E REGIMES INTERNACIONAIS

PROXIMAÇÕES, TENSIONAMENTOS E PROBLEMATIZAÇÕES ENTRE AS NOÇÕES DE SAÚDE GLOBAL E SAÚDE PLANETÁRIA

Matheus Dos Santos Da Silveira (silveiramath49@gmail.com)

Parto da noção de que é necessário pensarmos qual a abrangência que o campo da saúde deve possuir em um mundo (talvez) pós-pandêmico. Me apoio na problematização realizada por Koplan et al. (2009) sobre tal questão:

Saúde global está na moda. (...) Embora seja frequentemente referenciada, a saúde global raramente é definida. Quando é, a definição varia muito, e muitas vezes é pouco mais do que uma reformulação de uma definição comum de saúde pública ou uma atualização politicamente correta da saúde internacional. Portanto, como deve ser definida a saúde global? (p. 1993).

McInnes e Lee (2012) descrevem o processo de mudança do conceito de saúde internacional para saúde global, o que, embora pareça apenas uma troca de palavras, representa uma profunda transformação quanto à abrangência e complexidade das relações de atores internacionais em matérias relativas à saúde. A mudança existente se deve, em grande parte, ao desenvolvimento e difusão de conhecimento existente nos temas de saúde pública, e como aspectos ambientais, como a cronificação das disparidades socioeconômicas, enfraquecimento dos mercados de trabalho e a prevalência

de transtornos mentais afetam negativamente o quadro global de saúde (FORTES & RIBEIRO, 2014).

A nova terminologia ainda passa, no entanto, por questionamentos, no que diz respeito à sua gênese e real relevância. Yatch e Bettcher (1998) apontam um 'novo paradigma da globalização' como propulsor da forma como se deveria enxergar as problemáticas ligadas à saúde pública dos territórios. Tal forma, aplicada ao campo, estaria relacionada a uma facilitada rede de difusão de tecnologias (conhecimento e recursos) e valores (a noção de direitos humanos aplicados à saúde), entretanto, também poderia levar a uma facilitada circulação de doenças transmissíveis (epidemias) e não-transmissíveis (como drogas psicoativas). Para os autores (1998) essa interdependência, retroalimentada pelos sistemas de comércio global, deveria ser mediada pela OMS, no sentido de exercer um papel de liderança a qual sempre foi o objetivo pensado desde a sua criação.

Logo, é importante ressaltar como o conceito de saúde global não deve ser descolado de sua realidade, uma realidade de disputa política no âmbito das Organizações Internacionais no final do século XX. O século XXI, por conseguinte, vem sendo um período caracterizado por uma profunda redefinição da agenda global de saúde. Podemos atrelar tal processo ao enfraquecimento das capacidades da OMS, no que diz respeito a sua primazia no campo global da saúde, o que ocorreu devido a uma série de fatores: crescente número de iniciativas multilaterais em saúde; falta de coordenação e presença de incoerência entre os atores; habilidade da OMS em determinar prioridades comprometida pela queda nas contribuições orçamentárias.

Somado a tais questionamentos, podemos afirmar que atualmente nos encontramos inseridos em uma crise de identidade, quiçá uma crise civilizatória. Isso porque nos últimos anos percebemos o crescimento no número de publicações que objetivam trabalhar a saúde global sob uma perspectiva crítica, decolonial, o que, no entanto, não isenta a área de críticas, principalmente no que diz respeito à necessidade de maior promoção de intervenções baseadas em evidências, nos direitos humanos e novas

estruturas para aumentar os serviços de saúde em escala global (COOPER, 2016).

Não entendendo como uma subcategoria, mas como uma alternativa às críticas existentes ao campo da saúde global, os estudos em saúde planetária advogam a necessidade de uma maior integração nas análises entre os problemas globais em saúde com o estado dos sistemas naturais (SIRENA et al., 2019). Parte-se do pressuposto de que não se estaria tendo uma compreensão total dos problemas (e das possíveis soluções) para a saúde global sem ter claro que a problemática ambiental é um ponto de inflexão na contemporaneidade.

Nesse sentido, e considerando a ainda existente confusão conceitual existente entre saúde global e saúde planetária, bem como suas variações, o presente estudo almeja apresentar aproximações, tensionamentos e problematizações entre as noções de saúde global e da saúde planetária. Espera-se, a partir do pesquisado, repensar tais campos, suas possíveis utilizações, limitações e exclusões (conscientes ou não).

Para o presente estudo, me apoio na proposta de Rowson et al. (2012) para identificar tais aproximações, tensionamentos e problematizações entre os campos. Neste sentido, apresento ambas as noções a partir de três eixos: 1) objeto do conhecimento; 2) tipos de conhecimento; e 3) objetivo do conhecimento. Considerando a natureza teórica da proposta, apresentarei ao longo do texto os principais pontos referentes às noções de saúde global e de saúde planetária, para assim, em um momento seguinte estabelecer possíveis atravessamentos, tensionamentos entre tais noções, bem como problematizar ambas.

A proposta que apresento é uma expansão de parte de minha pesquisa de mestrado, que possui como objetivo expor lacunas do campo da saúde global a partir de ações de resistência do povo Munduruku pertencente à Amazonia Brasileira, no contexto da pandemia. Logo, é imprescindível pontuar a

linguagem decolonial e plural a ser utilizada para o desenvolvimento do tema aqui proposto.